

# Jaguaribe propõe metas para crescimento

Luiz Fernando Manso  
do Rio

O Brasil tem apenas 20 anos para garantir a manutenção de sua autonomia e evitar que se transforme em um país “com hino e bandeira, mas que é comandado do exterior”. Na avaliação do cientista político Hélio Jaguaribe, “a perda de autonomia (do Brasil) já é grande, mas ainda é possível se recuperar e entrar para o restrito grupo de países que daqui a 20 anos continuarão a ter autonomia para decidir o seu próprio destino.”

Decano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais (IEPS) e à frente do Comitê do Consenso Nacional, integrado por políticos como Aloizio Mercadante (PT), Rita Camata (PMDB) e o senador Jefferson Peres (PDT), além de economistas como Celso Furtado, Jaguaribe

apresentará, nos próximos dias, 15 macrometas ao presidente Fernando Henrique Cardoso e ao Congresso. “Essas são metas comuns para que o nosso País cresça a taxas de 7% ao ano, consiga reduzir a pobreza e diminua sua dependência do capital externo”, disse o cientista político, que participou ontem de seminário em homenagem aos oito anos do Real, no Rio. “Sem isso vamos nos transformar num desses países que elegem seus dirigentes de forma democrática, mas esses não passam de gerentes, que obedecem a ordens de fora.”

## Linha de pobreza

O cientista político elogiou o governo Fernando Henrique Cardoso, mas disse que estava muito aquém do talento e das qualificações do presidente. Jaguaribe qualificou de

inaceitável que 50 milhões de brasileiros permaneçam abaixo da linha de pobreza. Depois de criticar os banqueiros internacionais pelas especulações em relação às eleições brasileiras, Jaguaribe disse que o Brasil não tem muito com que se preocupar porque os quatro candidatos têm condições de fazer um bom governo.

José Márcio Camargo, titular da cadeira de economia da PUC/Rio, disse que ficaria satisfeito se o Brasil cumprisse apenas três grandes metas. A primeira é a manutenção da estabilidade, que necessita da manutenção do superávit primário alto, de preferência entre 4% e 5%. A segunda é o crescimento sustentável, com aumento das exportações e das importações para reduzir a vulnerabilidade externa. “O nosso déficit em conta corrente é de

20%, no México é de 3%”, comparou. E a terceira é a redução das desigualdades. Ele lembrou que desde 1950, o percentual da população abaixo da linha da pobreza sempre ficou entre 30% e 40%.

## Sem salário-mínimo

“Hoje, apenas 10% dos nossos velhinhos vivem em famílias pobres, enquanto 50% das nossas crianças vivem em famílias pobres, e 80% não completam o ensino fundamental”, disse. “Com isso”, continuou, “nós já garantimos um país com 40% de famílias pobres daqui a 20 anos”. O economista chegou a causar desconforto aos presentes ao afirmar “que o salário mínimo nunca mais deveria ter um aumento real”, porque os mais beneficiados são os aposentados que pertencem aos 20% mais rico.